

O LULISMO E A ELITE DO ATRASO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UM EMBATE POLÍTICO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

LULISM AND THE ELITE OF BACKWARDNESS: CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR AN EVER-CHANGING POLITICAL CLASH

LULISMO Y LA ÉLITE DEL ATRASO: RETOS Y PERSPECTIVAS DE UN ENFRENTAMIENTO POLÍTICO EN CONSTANTE CAMBIO

Daniel Andres Baez Brizuena¹
Carlos Alberto Siminoni²

Resumo

O presente artigo analisa o embate entre o lulismo e a elite do atraso na conjuntura política brasileira. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada em livros, entrevistas e periódicos. O estudo embasou-se, principalmente, nas obras de Anderson (2011), Singer (2012), Souza (2017) e Nunes (2018), entre outros autores das áreas de História, Sociologia e Ciência Política.

Palavras-chave: lulismo; elite do atraso; ciência política.

Abstract

This article analyzes the clash between lulism and the elite of backwardness in the Brazilian political conjuncture. Regarding the methodology, it is bibliographic research, based on books, interviews, and journals. The study was based, mainly, on the works of Anderson (2011), Singer (2012), Souza (2017), and Nunes (2018), among other authors in the areas of History, Sociology, and Political Science.

Keywords: lulism; elite of backwardness; political science.

Resumen

El presente artículo analiza el enfrentamiento entre el lulismo y la élite del atraso en la coyuntura política brasileña. En lo metodológico, se trata de una investigación bibliográfica, realizada en libros, entrevistas y revistas. El estudio se fundamenta, sobre todo, en las obras de Anderson (2011), Singer (2012), Souza (2017) y Nunes (2018), entre otros autores de las áreas de Historia, Sociología y Ciencia Política.

Palabras-clave: lulismo; élite del atraso; ciencia política.

1 Introdução

A presente pesquisa aborda o tema: *O Lulismo e a Elite do atraso: desafios e perspectivas de um embate político em constante transformação*. O tópico pode ser analisado a partir de dois conceitos que se entrecruzam na história política brasileira: por um lado, um

¹ Acadêmico do curso de bacharelado em Ciência Política da UNINTER. Possui formação em Marketing pela UNINTER e Letras e Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Email: danan1011@hotmail.com

² Professor orientador. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, UFPR; Mestre em Sociologia, UFPR; Graduado em Ciências Sociais, UFPR. Professor dos cursos de Ciência Política e Relações Internacionais no Centro Universitário UNINTER, desde 2002. Sociólogo, atua também como consultor em projetos ou estudos de impactos socioambientais. Email: carlos.s@uninter.com

movimento político de cunho personalista, com a figura carismática e populista do político Luiz Inácio da Silva; por outro, a elite do atraso, que pertence, historicamente, a um seleto grupo de ostentadores do poder político por excelência. A partir disso, questiona-se: o lulismo foi capaz de dialogar e estabelecer um projeto político independente da elite do atraso? O lulismo naufragou no seu intento emancipatório? A que custo político se estabeleceu uma aproximação entre lulismo e a elite do atraso? Haverá mudança de postura do lulismo nos próximos embates eleitorais contra a elite do atraso? Qual foi o rastro de destruição que a elite do atraso causou no lulismo com a Operação Lava Jato? Ainda existe espaço para o lulismo no debate político brasileiro?

Nesse âmbito, o tema escolhido suscita importantes indagações a respeito da figura pública do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, ao longo dos anos, alimentou — e continua alimentado — em uma grande parcela da sociedade a imagem do político que mais enfrentou a elite conservadora brasileira. Poderíamos abarcar outras questões, porém, limitar-me-ei a uma análise histórica e cunho bibliográfico sobre o alcance e as perspectivas desta realidade. É sabido a intenção de Lula de continuar na arena política, adotando um forte discurso, ora de confronto à elite do atraso, ora de aproximação e diálogo.

Ao buscar responder aos questionamentos propostos, iremos analisar o conceito lulismo na história recente da política brasileira e o embate realizado perante a elite do atraso. Logo após, apresentaremos as análises de vários especialistas, em diálogo com André Singer e Jessé de Sousa, propondo uma leitura paralela: o primeiro como o criador e analista do conceito de lulismo, como expressão contemporânea da política brasileira; e o segundo para fundamentar o confronto histórico da política brasileira e sua expressão na elite do atraso.

Quanto à metodologia, esta pesquisa será efetuada com um embasamento bibliográfico. Para a análise do tema proposto, trabalharemos com os autores Anderson (2011), Singer (2012), Souza (2017) e Nunes (2018), entre outros. As áreas de História, Sociologia e Ciência Política também auxiliaram na construção deste estudo; ademais, consultamos obras específicas sobre o tema proposto, analisando livros, revistas, entrevistas em sites especializados e periódicos nacionais e internacionais.

A pesquisa visa realizar um levantamento histórico sobre as aproximações e distanciamento entre o lulismo e a elite do atraso, bem como as perspectivas de mais confrontos políticos nas próximas eleições; por isso, iremos nos embasar nas análises de Singer — pesquisador e analista político — e nas considerações e no conceito de classe social do sociólogo Jessé Souza, porém, não nos limitaremos somente a estes autores.

2 O ponto de partida: metodologia de trabalho

Analisar a realidade política brasileira que complemente o político e as questões sobre a elite é sempre um desafio. Neste trabalho, adotaremos a obra de Codato (2015) *Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos*, que apresenta três formas possíveis de examinar a realidade política. Destarte, adotamos o segundo modelo proposto pelo autor, o método decisional, que, nas palavras do autor, refere-se a uma tomada de decisões estratégicas:

O método decisional sustenta, por sua vez, que as pessoas com poder são aquelas capazes de tomar as decisões estratégicas para uma comunidade (ou influenciar as suas decisões mais importantes) e nem sempre se confundem com aquelas que ocupam as posições formalmente designadas como as mais relevantes (CODATO, 2015, p. 17).

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que, perante os desafios que encontramos para interpretar e realizar uma leitura da realidade do tema a ser analisado, é importante esclarecer o objeto de estudo do cientista político e como se formam as classes políticas. Nesse sentido, Perissinotto (2018) esclarece que toda comunidade “é controlada por uma classe política, se essa classe é responsável pela condução da sociedade, então é necessário estudar como elas se formam e como elas se organizam” (PERISSINOTTO, 2018, p. 45).

Nessa lógica organizativa, Perissinotto (2018) afirma que as diversas classes políticas encontradas na história “tendem à inércia, isto é, tendem a lutar pela manutenção do seu monopólio sobre o poder político” (PERISSINOTTO, 2018, p. 34). Assim, para analisarmos o tema proposto *O Lulismo e a Elite do atraso: desafios e perspectivas de um embate político em constante transformação*, vamos dialogar com vários autores, a partir de livros, revistas, entrevistas em site especializados de incidência nacional e internacional.

Por isso, na busca de uma justificação do poder que tenta atingir uma durabilidade deve alcançar um princípio moral por excelência, na qual todo princípio de justificação do poder, nas palavras de Perissinotto (2018), corresponde “segundo Mosca, a uma genuína necessidade dos homens, a saber, de governarem e se sentirem governados, não por uma força material e intelectual, mas, sim, por um princípio moral” (PERISSINOTTO, 2018, p. 38). Neste sentido, ressalta-se a importância de compreender o processo de construção dessas relações de poder. Destarte, examina-se, neste trabalho, a relação existente — seja de diálogo ou de afastamento — entre o lulismo e a elite do atraso.

3 O lulismo e a elite do atraso: história, acontecimentos, concepção e implicações

Para compreendermos o lulismo como fenômeno político, é importante fixar como ponto de partida as constatações de Singer (2012), que afirma: “O lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento” (SINGER, 2012, p. 7). É justamente essa contradição que criará um caráter ambíguo de um fenômeno difícil de ser interpretado, por simples paixões ideológicas ou mero fanatismo político. O movimento de conservação e mudança, reprodução e superação, assim como a decepção e a esperança, demarca o território controvertido em que nos inserimos. Entretanto, como nos lembra Singer (2012, p. 7), “é preciso arriscar os sentidos, as resultantes das forças em jogo, se desejamos avançar a compreensão do período”; logo, compreender o passado é o maior desafio que a teoria nos interpela a desvendar no campo da Ciência Política.

Tendo como premissa a afirmação anterior, além da contradição e ambiguidade evidenciadas, é preciso uma análise ampla e objetiva do tema em questão. Logo, para analisarmos um contexto histórico de cunho político, é importante não esquecermos a recomendação de Borges & Vidigal (2018, p. 56) de que, “o comportamento social e político está diretamente relacionado ao comportamento de grupos”. No quadro de análise que desenvolveremos no percurso deste artigo, ao tratarmos de um tipo de fenômeno político e sociológico, será necessário enquadrar essa narrativa, explicitando seu significado de forma mais aproximativa possível.

Anderson (2011) situa-nos no campo histórico em que estaremos inseridos. Esta contextualização é válida para elucidar o desenvolvimento posterior — já que toda narrativa histórica precisa ser fundamentada, para ter validade no contexto e recorte que fazemos neste trabalho. O autor postula, também, que os dois parâmetros fundamentais para compreender e interpretar o lulismo são a globalização e a os avanços moleculares e digitais:

O primeiro deles é o momento na história mundial do capital em que ele chegou ao poder. A globalização eliminou a possibilidade de um projeto inclusivo de desenvolvimento nacional, do tipo há tempos é buscado pelo Brasil. A terceira revolução industrial, baseada em avanços moleculares e digitais que apagam as fronteiras entre ciência e tecnologia, exige investimentos em pesquisa e impõe patentes que não permitem nenhuma transferência imediata de seus resultados para a periferia do sistema — e menos ainda em um país como o Brasil, onde o investimento, mesmo no auge do desenvolvimentismo de Kubitschek na década de 1950, nunca superou meros 22% do PIB e os investimentos em pesquisa e desenvolvimento permanecem ainda hoje irrisórios (ANDERSON, 2011, p. 39).

Se no campo histórico e econômico, temos essa constatação, no campo político e sociológico nos deparamos com uma outra realidade: o confronto entre as classe. Talvez, neste campo minado, o lulismo apresentará sua contraposição mais expressiva: o desejo de aproximar

a classe baixa e a classe média. No entanto, essa aproximação exigirá aceitação e diálogo — que produzirá um efeito adverso a longo prazo. Para explicar a mudança na composição social da base eleitoral que reelegeu Lula em 2006, é necessário compreender o sentido exato do realinhamento ideológico no interior do eleitorado brasileiro; contudo, para compreender essa realidade, será necessário aproximar duas classes sociais opostas. Nunes (2018) salienta que:

André Singer recorreu a tese de que teria ocorrido um realinhamento ideológico no interior do eleitorado brasileiro. Esse movimento, por sua vez, seria duplo. De um lado, ao perceber que Lula não apenas tinha cumprido sua promessa de governar sobretudo para os mais pobres, mas também havia passado longe de qualquer radicalismo político que pudesse subverter a ordem, o eleitorado de baixíssima renda (o subproletariado) apegou-se maciçamente à candidatura de reeleição. É importante ressaltar que essa camada de eleitores aderiu a Lula (daí a origem do termo lulismo), e não necessariamente à esquerda em geral, ou ao PT em específico. De outro lado, ocorreu o crescimento do antilulismo, que se concentrou sobretudo no PSDB e afastou parte importante da classe média de Lula e do PT — principalmente, a partir da crise do mensalão (NUNES, 2018, p. 178).

Como supracitado, essa aproximação produziu um efeito negativo. Nesse sentido, Anderson (2011) destaca o trabalho dialético que se encontra no âmago do lulismo, o que demonstra sua contínua construção. Ademais, seu fortalecimento aconteceu gradativamente, já que produz uma inversão da realidade no campo político brasileiro, aquilo que Singer (2012) chamou de o “signo de contradição”, sob o qual o lulismo se ergue. Tal contradição se confrontará com um sistema social, até esse momento, conservado homogeneamente. Esta desconstrução do estabelecido acarretará, também, desgaste progressivo; porém, o lulismo se fortalece na visibilidade de uma camada social proletária. Anderson (2011) argumenta que:

Se para Gramsci a hegemonia em uma ordem social capitalista era a ascendência moral dos proprietários sobre as classes trabalhadoras, garantindo o consentimento dos dominados a sua própria dominação, no lulismo, os dominados haviam invertido a fórmula, obtendo o consentimento dos dominadores para sua liderança da sociedade, apenas para ratificarem as estruturas de sua própria exploração (ANDERSON, 2011, p. 40).

A aproximação de Lula com a elite do atraso o levará por caminhos inesperados e, muitas vezes, sem saída. O lulismo e seu sonho utópico de realizar a luta de classe sem conflito não ocorrerá além do campo das narrativas do discurso político. Este sonho utópico é truncado, não por incapacidade do líder em questão, mas por um desejo de pacificação artificial, “decidido a evitar o confronto com o capital, Lula adotou uma política econômica conservadora” (SINGER, 2012, p. 7). O desejo de outrora de pacificar a elite do atraso com a classe trabalhadora criou dois fenômenos no lulismo: a de construir um contexto de esperança, por um lado, e medo por outro. Anderson (2011) destaca essas duas instâncias, ao afirmar que:

O cientista político André Singer, porta-voz de Lula em seu primeiro mandato, mas uma mente independente e original, foi o pivô de uma análise surpreendente do Lulismo sobre a psicologia dos pobres brasileiros. Eles são, argumenta Singer, um subproletariado que compreende quase a metade — 48% — da população, movido por duas emoções principais: a esperança de que o Estado possa moderar a desigualdade, e o medo de que os movimentos sociais possam gerar a desordem (ANDERSON, 2011, p. 34).

Destarte, é importante compreender o contexto do surgimento do lulismo — denominação de cunho neologista, criado pelo cientista político André Singer. O conceito surge na campanha de 2002 para demarcar um posicionamento político e estratégico. Segundo a nota da IHU On-Line, o lulismo situa-se em um contexto histórico específico e sob uma contradição, assim:

Nascido durante a campanha de 2002, o lulismo representou o afastamento em relação a componentes importantes do programa de esquerda adotado pelo PT e o abandono das ideias de organização e mobilização. Busca um caminho de conciliação com amplos setores conservadores brasileiros. Sob o signo da contradição, o lulismo se constitui como um grande pacto social conservador, que combina a manutenção da política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) com fortes políticas distributivistas sob o governo Lula (2002-2010)³.

Nessa perspectiva, se o lulismo se apresenta sob o signo da contradição e com a intenção de construir um pacto social conservador, é importante ressaltar que, nesse âmbito, encontramos a presença da elite do atraso, sendo necessário buscar a manifestação do poder sob a égide de tal grupo social. Segundo Jesse Souza,

Desde que o Brasil é Brasil, e principalmente a partir de 2013 de modo mais insidioso e perverso, a elite econômica conseguiu consolidar, junto a seus intelectuais e sua imprensa, a ideia de que o empobrecimento da população teria sido causado apenas pela corrupção política, o que é uma mentira⁴.

Ressalta-se que Singer (2012) nos ajuda a compreender a história política brasileira fundamentada no personalismo: por um lado, mostra um comportamento que influencia o déficit de participação nas decisões públicas; por outro, revela o jogo da figura pública como construção individual do poder.

O fato de a política brasileira ser excessivamente personalista obscurece o sentido coletivo da ação dos políticos. É necessário procurar nexos invisíveis por trás do que parecem meras jogadas individuais de poder. O que muitas vezes faz esse exercício parecer inútil é o fato de os grandes políticos brasileiros dialogarem pouco antes de

³ Nota IHU On-Line. Acesso: 30 jun. 2020.

⁴Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584753-a-esquerda-foi-singularmente-incapaz-e-burra-nessas-eleicoes-entrevista-com-jesse-souza>. Acesso em: 2 jul. 2020.

tomar decisões. Penso que isso acontece porque há um déficit de participação no Brasil (SINGER, 2012, p. 144).

Tais afirmações contextualizam o surgimento do lulismo, o que nos permite compreender sua gênese e seu desenvolvimento. Além disso, é possível realizar uma construção cronológica aproximativa entre os eventos que foram produzidos e as diversas consequências posteriores ao desenvolvimento.

Em suma, foi em 2006 que ocorreu o duplo deslocamento de classe que caracteriza o realinhamento brasileiro e estabeleceu a separação política entre ricos e pobres, a qual tem força suficiente para durar por muito tempo. O lulismo, que emerge junto com o realinhamento, é, do meu ponto de vista, o encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, o subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005: combater a pobreza, sobretudo onde ela é mais excruciante tanto social quanto regionalmente, por meio da ativação do mercado interno, melhorando o padrão de consumo da metade mais pobre da sociedade, que se concentra no Norte e Nordeste do país, sem confrontar os interesses do capital (SINGER, 2012, p. 10).

O economista Marcio Pochmann⁵ salienta que o lulismo se enquadra no modelo desenvolvimentista, buscando uma configuração da sua identidade em um projeto de inclusão: “O Lulismo é uma perspectiva política de modelo desenvolvimentista, neodesenvolvimentista, se constitui em torno da ascensão do governo petista e é um projeto inconcluso” (POCHMANN, 2015, n.p.), porém, fracassado em seu intento de “politização da pobreza”, como nos casos dos programas Fome Zero⁶ e Bolsa Família⁷. Ao mesmo tempo em que o autor identifica e reconhece a validade da intenção, critica a falta de conteúdo político:

É um programa fantástico, que conseguiu colocar recursos, pela primeira vez, diretamente no bolso da população pobre. Abriu uma série de oportunidades, mas é um programa esvaziado da política. É um programa para os pobres e não um programa com os pobres, de auto-organização dos pobres. Ou seja, os pobres no Brasil continuam submetidos às prefeituras locais, que é quem faz o cadastramento e define

⁵ **O modelo desenvolvimentista é um projeto inconcluso. Entrevista especial com Márcio Pochmann** (05 Outubro 2015) Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/547577-o-modelo-desenvolvimentista-e-um-projeto-inconcluso-entrevista-especial-com-marcio-pochmann>. Acesso em: 2 jul. 2020.

⁶ Fome Zero: é um programa do governo federal brasileiro que foi criado em 2003, em substituição ao Programa Comunidade Solidária, que fora instituído pelo Decreto n. 1.366, de 12 de janeiro de 1995, para o enfrentamento da fome e da miséria. Até dezembro de 2002, o Programa Comunidade Solidária esteve vinculado diretamente à Casa Civil da Presidência da República. O Programa Fome Zero foi criado para combater a fome e as suas causas estruturais, que geram a exclusão social e para garantir a segurança alimentar dos brasileiros em três frentes: um conjunto de políticas públicas; a construção participativa de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; e um grande mutirão contra a fome, envolvendo as três esferas de governo (federal, estadual e municipal) e todos os ministérios. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Bolsa Família: programa do governo federal de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a 70 reais mensais e que está baseado na garantia de renda, na inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. O Bolsa Família possui três eixos principais: a transferência de renda, que promove o alívio imediato da pobreza; as condicionalidades para receber o benefício, as quais reforçam o acesso à educação, saúde e assistência social; e as ações e programas complementares, que objetivam o desenvolvimento das famílias e a superação da situação de vulnerabilidade. (Nota da IHU On-Line)

quem entra e quem sai. Não houve a possibilidade de transformar 40, 50 milhões de pobres em atores políticos relevantes (POCHMANN, 2015, n.p.).

Logo, pode-se inferir que essa carência de politização de milhões de pobres levará a um enfraquecimento tanto do PT quanto do lulismo. Pochmann fundamenta sua crítica justamente nesse vácuo: “Não houve essa organização e não se tem uma ascensão social descaracterizada de valores modernos. Há uma ascensão econômica combinada com valores conservadores” (POCHMANN, 2015, n.p.). Em outras palavras, o próprio lulismo e o PT acabaram por alimentar e fortalecer seus algozes. A figura do “Lula paz e amor”, ao longo do tempo, tornou-se um símbolo de carnavalesco, que não produziu mudanças na estrutura interna da política brasileira. Esta realidade é analisada amplamente no livro de André Singer, que serve como base deste artigo.

Ao se avançar na compressão histórica, sociológica e política da construção do lulismo, evidencia-se que este movimento de força política não surge de maneira aleatória; na realidade, ele é consequência de uma soma histórica de desigualdade e de miséria, fortalecidas pela elite do atraso. Pode-se afirmar que o vácuo gerado por tal elite tornou possível o surgimento e o fortalecimento desta classe social. Singer (2012) assevera que o lulismo partiu de um grau tão elevado de miséria e desigualdade, em um país de mercado interno potencial expressivo, que as mudanças estruturais introduzidas — embora tênues face às expectativas radicais — tiveram um efeito poderoso, especialmente do ponto de vista do próprio subproletariado. A conjuntura econômica mundial favorável entre 2003 e 2008, por representar um ciclo de expansão capitalista e envolver um *boom* de *commodities*, ajudou a produzir o lulismo (SINGER, 2012).

Logo, se a base eleitoral do lulismo está alicerçada no subproletariado; então, será necessário buscar uma justificativa plausível para este fenômeno, procurando entender o espaço e o momento de sua ascensão. Anderson (2011) entende que:

Sua ascensão foi baseada em um movimento sindical e um partido político muito mais moderno e democrático do que qualquer coisa que Vargas ou Peron jamais haviam imaginado. Mas, à época em que ele ganhou a presidência, na sua quarta tentativa, o PT tinha sido reduzido em grande parte a uma máquina eleitoral (ANDERSON, 2011, p. 33).

No afã de expandir a compreensão histórica, associa-se a figura carismática do metalúrgico a outros líderes pregressos da política brasileira. Neste sentido, comparar as figuras de Lula e Getúlio Vargas é adequado, na medida em que as duas figuras se beneficiaram das estruturas de abandono e desigualdades sociais. Desta maneira, pensar a história do lulismo a partir da exploração do capital e trabalho é fundamental para compreender sua expansão e o seu

declínio. Delinear o líder como o “pai dos pobres” enquadra-se de forma aproximativa no fortalecimento do lulismo. Anderson (2011) aponta que, nessa linha do tempo,

Lula pode, portanto, ser considerado de fato em certos aspectos — sua capacidade de lidar com as preocupações de capital e trabalho, de explorar as circunstâncias externas favoráveis em prol do desenvolvimento interno, de afirmar os interesses nacionais e, acima de tudo, de se conectar com as massas até então desarticuladas — um herdeiro de Vargas, oferecendo uma potente mistura de autoridade e proteção que o “pai dos pobres” havia conseguido outrora (ANDERSON, 2011, p. 35).

Por outro lado, essa configuração do lulismo como defensor das classes menos favorecidas produz reações por parte da elite do atraso. Hoje, a queda do lulismo se deve, em grande parte, ao confronto suscitado entre uma classe em ascensão e uma elite do atraso, que se potencializou no afastamento da base popular: “Uma vez no poder, Lula não mobilizou e nem mesmo incorporou o eleitorado que o aclamara. Nenhuma conformação estrutural nova deu forma à vida popular” (ANDERSON, 2011, p. 33)

Singer (2012) destaca uma espécie de “desconexão temporária”, que veio como desideologização e despolitização, causando um distanciamento que enfraqueceu o lulismo:

A desconexão temporária entre as bases do lulismo e as do petismo em 2006 foi o sinal de que havia *entrado em cena uma força nova*, constituída por Lula à frente de uma fração de classe antes caudatária dos partidos da ordem. Mais que um efeito geral de desideologização e despolitização, portanto, o que estava em curso era a emergência de *outra* orientação ideológica, que antes não se encontrava no tabuleiro político. O lulismo, ao executar o programa de *combate à pobreza dentro da ordem*, confeccionou via ideológica própria, com a união de bandeiras que não pareciam combinar (SINGER, 2012, p. 44).

Esse afastamento da própria base social será o motivo do enfraquecimento do lulismo, pois, se houve a intenção de aproximar, sem conflitos, as classes sociais, cometeu-se um erro significativo. Lula não considerou que a elite do atraso mantém em seu poder a mídia, que funciona como um importante ator no cenário político brasileiro. Nesse sentido, Anderson (2011) defende que:

O relacionamento direto de Lula com as massas interrompeu esse ciclo, minando o papel da mídia na formação do cenário político. Pela primeira vez, um governante não dependia dos proprietários da mídia, daí o rancor da parte deles. A ferocidade das campanhas que se seguiram contra Lula não se sustentaria, no entanto, sem um público que lhe fosse receptivo. Esse público se encontrava nas classes médias tradicionais do país, principalmente, mas não exclusivamente, nas grandes cidades, sobretudo em São Paulo (ANDERSON, 2011, p. 35-36).

É importante ressaltar que, atualmente, o confronto do lulismo com a elite do atraso é visível. Deve-se destacar que o poder da mídia, a pequena capacidade crítica da classe

Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 35-49, jul./dez.2022

trabalhadora — historicamente situada na escala social do abandono —, seu baixo nível educacional e o precário acesso à saúde e ao lazer contribuíram para que o lulismo criasse uma mera ilusão de ascensão social. As forças políticas da esquerda demoraram para perceber as forças que se agrupavam contra o processo de inclusão social. Assim, de forma lenta e gradual, surge uma onda de hostilidade contra o próprio Lula e os avanços sociais já constituídos. Segundo Anderson (2011, p. 36),

A razão para a hostilidade direcionada a Lula por esse estrato social não foi a perda de poder efetivo, algo que essa classe média nunca teve, mas de status. Não apenas o presidente era agora um ex-operário sem instrução, cuja gramática surrada já era lendária, mas sob seu governo empregadas domésticas, porteiros e trabalhadores braçais, de fato, praticamente toda extração da rale, estavam agora adquirindo bens de consumo até então privilégio dos instruídos, e mesmo adquirindo orgulho em seu dia a dia.

Atualmente, percebe-se que a elite do atraso — que permitiu a ascensão de um líder sindical — se mostrou refratária ao processo de aproximação entre as classes sociais. A figura carismática de Lula e o lulismo, como movimento político sustentador das ideias progressistas, encontram-se, nesse ponto, fundidos em um único fenômeno. Por outro lado, a classe média conservadora e a elite do atraso voltaram a se unir para combater um inimigo comum. Assim, verifica-se um surto de “demofobia”, como nos apresenta Anderson (2011, p. 36):

Para boa parte da classe média, tudo isso os irritava profundamente: a ascensão de sindicalistas e funcionários significava que eles estavam sendo rebaixados. O resultado tem sido um surto agudo de “demofobia”, como o colunista Elio Gaspari, um crítico enérgico dessa tendência, apelidou a reação. Juntos, a mistura de humilhação política entre os proprietários dos meios de comunicação e editores e o ressentimento social entre os leitores resultaram numa quase sempre bizarra ladainha acrimoniosa de antilulismo, estranha a qualquer senso objetivo de interesse de classe.

Neste confronto, evidencia-se o erro estratégico do lulismo: buscar uma revolução sem reconhecer que, historicamente, “a demofobia” não pode ser combatida com um mero discurso político romantizado. O lulismo só poderá avançar se reconhecer a existência de um conflito de classes.

Neste âmbito, é pertinente perguntar: o lulismo estaria disposto a pagar, novamente, o preço do fracasso em seu intento de conciliar as classes? Singer (2012) evidencia o passado escravocrata, ainda muito presente na classe dominante. A elite do atraso empoderou-se em um contexto de “ética escravagista”:

O passado escravocrata do Brasil deu à classe dominante, e à classe média tradicional que nela se espelha, uma profunda ambivalência em relação ao trabalhador. De um

lado, há o reconhecimento capitalista da necessidade do trabalho para a existência da acumulação; de outro, a percepção dos trabalhadores como “instrumentos de trabalho”, e não como seres humanos. No Brasil, o espírito do capitalismo veio acompanhado de estranha “ética escravagista” (SINGER, 2012, p. 119).

Assim, como força política e eleitoral, o lulismo angariou forças para combater tal ética escravagista, presente na história política brasileira. Singer (2012, p. 61) argumenta que “Se a cara do lulismo é a unidade subproletária ao redor do presidente, a coroa é a sua completa rejeição por parte da pequena burguesia”. Tal transformação da elite do atraso se consolida com a criminalização da política e com o aval das grandes corporações midiáticas, que criaram um imaginário de grande impacto no cenário político brasileiro.

Em um artigo publicado na Folha de São Paulo — *Fenomenologia do lulismo* —, Ricardo Antunes⁸ ressalta o pragmatismo e o messianismo de tal movimento. O autor ressalta que:

Se nos anos 1970/80 a autêntica espontaneidade de Lula o consolidou como o mais importante líder operário, neste novo milênio sua espontaneidade, esvaziada de sua origem, é preenchida pela contingência e pela vacuidade. Além de messiânico, capaz de "falar direto com Deus", tornando prescindível o partido que ajudou a criar, o lulismo é expressão de um pragmatismo que se molda às circunstâncias, que se atola no mesmismo e estanca no colaboracionismo. Não é por acaso que o único traço que Lula tem feito questão de repetir, em relação ao seu passado, é que era um conciliador, esquecendo-se que sua vitalidade floresceu por sua prática de confrontação.

Assim, o lulismo somente pode ser compreendido a partir de sua capacidade de se concretizar em uma espécie de metamorfose contínua. Lula possui a virtude de realizar uma leitura exata do tempo em que vive: em um momento, adota um tom conciliador, depois, uma abordagem pragmática. Em tempos de prosperidade, tal versatilidade torna o lulismo um fenômeno relativamente admirado pela elite do atraso; por outro lado, em conjunturas de carência e escassez, tal movimento é combatido, de maneira veemente, pelas elites em questão.

Em 2018, ao realizar uma avaliação dos governos do PT e do lulismo, — no artigo *Os miseráveis que receberam um auxílio se tornaram lulistas de carteirinha* — Singer apresentou os diversos ciclos de tal movimento. O autor afirma que os acontecimentos desse período não fragmentaram o eleitorado de Lula, mesmo considerando os resquícios de distanciamento:

Esse eleitorado se mantém fiel, embora nesse meio tempo, o lulismo tenha ido do auge - com a reeleição de Lula e a chegada de Dilma Rousseff ao Planalto - à crise, com as

⁸ Professor titular de Sociologia do Trabalho do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade de Campinas).
Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 35-49, jul./dez.2022

jornadas de junho de 2013, o impeachment da petista, em 2016, e a prisão de Lula em 2018 (SINGER, 2018, n.p.).

Pode-se dizer que o lulismo buscou valorizar suas realizações, dando uma ênfase especial às estatísticas que evidenciam o grande número de pessoas que superaram a condição de vulnerabilidade social. Tal abordagem seria uma espécie de estratégia de sobrevivência:

O que houve foi um aproveitamento de propaganda, tentando em algum momento fazer com que parecesse que esses brasileiros que saíram da miséria estavam indo direto para uma condição de classe média, como se fosse praticamente um milagre, o que na realidade não aconteceu. O que aconteceu foi um movimento importante de saída da condição miserável de uma parcela expressiva da população, mas que entrou numa condição de pobreza, não de classe média. E é por isso que quando você olha para o número de pobres, segundo os dados do Valdir Quadros, em 2002 nós tínhamos 29% de pobres e esta proporção cai para 23%. A redução é muito menor, não porque os pobres de 2002 não tenham melhorado de vida, eles certamente melhoraram, mas foram substituídos por novos pobres que eram os antigos miseráveis. Com isso, o estoque de pessoas em condição de pobreza ficou relativamente estável. Eu não estou subestimando a importância dessa ascensão, porque significa a diferença entre comer 3 vezes ao dia e não comer (SINGER, 2018, n.p.).

Por outro lado, o próprio Singer ressalta a letargia e o erro estratégico que o lulismo incorreu ao esquecer a politização da classe trabalhadora. Essa falta de formação política seria um entrave para a consolidação do lulismo:

Esses antigos pobres que melhoraram de condição, e foram em número expressivo, de dezenas de milhões, entraram no que chamo de uma nova classe trabalhadora, e aí sim houve um engano dos dirigentes do lulismo, que não se aplicaram ao trabalho de politização dessa nova classe trabalhadora que precisaria ter sido conscientizada de que não estava mudando de condição apenas por seus próprios méritos, mas sim porque houve um conjunto de políticas públicas orientadas para ajudar esse setor a mudar de condição. Não existindo esse trabalho de politização, você encontra uma quantidade significativa de pessoas que transitaram de uma condição de pobreza para a nova classe trabalhadora e que entendem que essa ascensão decorreu de seus méritos individuais. Claro que os méritos individuais existem, mas quando você olha para o conjunto, para o movimento de classe, você percebe que o mérito individual não é suficiente. Uma pessoa pode ser muito trabalhadora e talentosa, mas se não tem emprego disponível, ela não consegue (SINGER, 2018, n.p.).

O autor destaca a força das memórias relativas ao governo Lula, ainda presentes no eleitorado. Tal fenômeno conservaria a força do lulismo na arena política brasileira:

O que está motivando o grosso da intenção de voto no ex-presidente Lula é a memória que ficou de um tempo melhor e a associação do lulismo com uma ascensão social que abria novas perspectivas de vida, as pessoas querem que isso volte. Isso é um elemento forte (SINGER, 2018, n.p.).

Singer argumenta sobre a possibilidade de o lulismo sobreviver ao próprio Lula: “Em teoria ele sobreviveria plenamente. O lulismo tem a vocação de ser algo que percorra a história
Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 35-49, jul./dez.2022

brasileira como o peronismo percorre a história argentina” (SINGER, 2018, n.p.). O autor aponta que um fenômeno como este é duradouro; portanto é preciso ter cuidado com análises superficiais. Ainda que exista uma grande pressão contra o lulismo, “devo dizer que apesar dessa enorme pressão contra o lulismo, ele sobrevive” (SINGER, 2018, n.p.). Por conseguinte, essa resiliência nos faz pensar em novos confrontos com a elite do atraso: seja de uma perspectiva nova ou a partir das abordagens tradicionais de oratória, na qual Lula e o lulismo conseguem dialogar com seus adversários.

4 Considerações finais

Os argumentos examinados ao longo do presente trabalho nos ajudaram a refletir sobre o tema em questão. Propôs-se responder às seguintes perguntas: o lulismo foi capaz de dialogar e estabelecer um projeto político independente da elite do atraso? O lulismo falhou no seu intento emancipatório? A que custo político se estabeleceu uma aproximação entre o lulismo e elite do atraso? Haverá mudança de postura do lulismo nos próximos embates eleitorais contra a elite do atraso? A elite do atraso causou, através da Operação Lava Jato, quais danos na abordagem lulista? Ainda existe espaço para o lulismo no debate político brasileiro? Salienta-se que o trabalho não tem a intenção de esgotar a análise do tema proposto.

Se considerado como uma construção política, uma das características mais notáveis do lulismo é sua capacidade de dialogar e se fortalecer em meio às crises. Logo, a ideologia não é capaz de cercear este movimento político, pois a busca pelo consenso é sua marca mais profunda. Por outro lado, esta capacidade de abertura seria, ao final das contas, voltada contra o próprio Lula, pois uma excessiva confiança na elite do atraso seria uma dimensão sensível do lulismo.

O lulismo alcançou vitórias importantes. Em primeiro lugar, estabeleceu uma forte presença no imaginário dos trabalhadores brasileiros e, a partir desta realidade, expandiu sua força como símbolo de luta e libertação da opressão da elite liberal e neoliberal. Além disso, a figura de Lula encontra-se em constante simbiose: em um momento se autoafirmando como ideia; em outro, como vítima de um cenário construído historicamente pela elite do atraso. Logo, é necessário um nível considerável de conhecimento histórico e sociológico para compreender a amplitude, importância e crises no movimento.

Mesmo tentando anular o lulismo, a elite do atraso não consegue atacar a essência deste movimento, considerando os altos custos políticos. Pensar nesta dinâmica abre espaço para imaginarmos que os próximos embates políticos abarcarão o lulismo que, mesmo debilitado,

manteve significativa capacidade de mobilização e reação. Lula sempre utilizou seu carisma para fazer política para a esquerda ou para uma inusitada mistura entre esquerda e direita; ou seja, para este líder os fins justificam os meios. Na estratégia do lulismo, o diálogo com seus adversários sempre será uma possibilidade latente.

Todos os ataques sofridos pelo lulismo na operação Lava Jato estão começando a se dissipar e o discurso da elite do atraso vai se tornando óbvio. Lula soube, pacientemente, explorar as brechas para desmontar a farsa construída pela elite do atraso para tirá-lo da disputa eleitoral de 2018. Por outro lado, a paciência e a perspicácia deste líder não são observáveis no espírito de seus correligionários: o PT, internamente, não demonstra a capacidade criativa e o poder do lulismo para dialogar. Nessa lógica, existiria uma dicotomia dentro do próprio movimento.

Como já dizia o poeta espanhol Antônio Machado, “caminhante não há caminho, caminho se faz ao caminhar”; o Lulismo, por conseguinte, parece seguir essa receita. O lulismo se reconstrói, a todo momento, no plano ético e moral. Considerando a atual incompetência governamental, a própria elite do atraso se aproximaria do lulismo, pois tais elites detinham o protagonismo no campo econômico e político.

O embate entre o lulismo e a elite do atraso será sempre uma relação conturbada e inacabada, como demonstra a história política brasileira. A cada nova etapa, este movimento revela uma nova faceta. O lulismo da década 2000 a 2010 já não existe, na medida em que foi se reconstruindo frente a cada dificuldade. Após eleição de 2018, este fenômeno gera novas formas de análise da realidade. Por conseguinte, o período de 2020 a 2022 ainda está em análise, pois novas forças foram constituídas na política brasileira. O lulismo e a elite do atraso ainda se envolverão em diversos confrontos; finalmente, espera-se que, em tais embates, prevaleçam as estratégias bem elaboradas para produzir novas formas de compreender a realidade.

Referências

ANDERSON, P. **O Brasil de Lula**. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/mVMCd9J76GBrwtWpCV8zCvM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jul. 2020.

ANTUNES, R. Fenomenologia do lulismo. **Revista IHU on-line**, [S.l.], 3 jan. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/176-noticias/noticias-2007/566688-fenomenologia-do-lulismo-artigo-de-ricardo-antunes>. Acesso em: 18 set. 2020.

BORGES, A; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 53-89,

2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1807-0191201824153> Acesso em: 3 ago. 2020.

NUNES, W. **Análise da política brasileira**: instituições, elites, eleitores e níveis de governo. Curitiba: Intersaberes, 2018.

PERISSINOTTO, R; CODATO, A. (org.). **Como estudar elites**. Curitiba: UFPR, 2015.

PERISSINOTTO, R. M; COSTA, L. D; MASSIMO, L. **As Elites Políticas**: questões de teoria e método. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2018.

POCHMANN, M. O modelo desenvolvimentista é um projeto inconcluso. **Revista IHU on-line**, [S.l.], 5 out. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/547577-o-modelo-desenvolvimentista-e-um-projeto-inconcluso-entrevista-especial-com-marcio-pochmann>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUSA, J. A esquerda foi singularmente incapaz e burra nessas eleições. [Entrevista concedida a] Juliana Sayuri. **Revista IHU on-line**, [S.l.], 20 nov. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584753-a-esquerda-foi-singularmente-incapaz-e-burra-nessas-eleicoes-entrevista-com-jesse-souza>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SINGER, A. Os miseráveis que receberam um auxílio se tornaram lulistas de carteirinha. [Entrevista concedida a] Mariana Sanches. **Revista IHU on-line**, [S.l.], 28 jun. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580373-os-miseraveis-que-receberam-um-auxilio-se-tornaram-lulistas-de-carteirinha-diz-andre-singer>. Acesso em: 29 ago. 2020.